Tempo Angular: A Concepção Cristã de um Tempo Escatológico

Maike Cabral

O enigma do tempo e a proposta cristã

O tempo, essa dimensão inescapável e misteriosa da existência, constitui uma das categorias fundamentais através das quais a humanidade apreende e ordena a sua experiência do real. Desde as mais remotas civilizações até às complexas reflexões filosóficas contemporâneas, a interrogação sobre a natureza, o fluxo e o sentido do tempo tem persistido, gerando uma multiplicidade de respostas moldadas por distintas tradições culturais, religiosas e filosóficas. No entanto, para fins de análise e contraste, podemos identificar duas concepções predominantes que permearam grande parte do pensamento humano ao longo das eras: a visão cíclica e a visão linear do tempo.

As culturas antigas, particularmente as orientais e muitas tradições pagãs, frequentemente percebiam o tempo como um ciclo incessante, um eterno retorno marcado pelos ritmos da natureza – o dia sucedendo a noite, as estações do ano, os ciclos lunares – e refletido nos mitos de criação, destruição e recriação do cosmos. Nesta perspectiva, o devir era visto como uma repetição perpétua de arquétipos primordiais, onde o fim invariavelmente reconduzia ao início, e o papel humano, muitas vezes mediado pela religião e pelo rito, consistia em alinhar-se a essa ordem cósmica recorrente, garantindo a sua continuidade. Não havia, nesta visão, espaço para uma novidade radical ou um progresso teleológico; o tempo era fundamentalmente repetição.

Em contrapartida, uma transformação significativa nesta percepção emergiu com o povo de Israel. Ancorados numa aliança singular com um Deus pessoal que se revela na história, os hebreus desenvolveram uma compreensão linear do tempo. Este não era mais um ciclo fechado, mas uma narrativa com início (a Criação), desenvolvimento (a história da aliança,

marcada por eventos únicos e irrepetíveis como o Êxodo e a Promessa) e um fim orientado para o futuro (a esperança messiânica). O tempo tornou-se, assim, vetor de sentido, história da salvação, uma marcha progressiva, ainda que permeada por desvios e provações, em direção a um cumprimento prometido por Deus. Esta noção de tempo como história, como argumentaria mais tarde Santo Agostinho ao refletir sobre a trajetória humana à luz da fé, introduziu uma dinâmica de esperança e propósito ausente na circularidade pagã.[1]

Contudo, propomos neste ensaio que a revelação cristã, centrada nos eventos históricos e meta-históricos da Encarnação, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo, não apenas assume e aprofunda a linearidade herdada de Israel, mas a transfigura radicalmente, inaugurando uma terceira e distinta concepção temporal. Argumentamos que o cristianismo introduz uma compreensão do tempo que transcende a mera sucessão cronológica ou a repetição cíclica, configurando-se como um *tempo angular*. Este conceito, que exploraremos detalhadamente, busca capturar a dinâmica única instaurada pela irrupção do eterno no temporal: um movimento que é simultaneamente ascensional, da alma que se eleva para Deus, e condescendente, de Deus que se inclina sobre a história e a alma humana. É um tempo cuja estrutura é definida não por um círculo ou uma linha reta, mas por um ângulo que articula o divino e o humano, a eternidade e a história, de uma forma nova e sacramental.

Para desenvolver esta tese, dialogaremos especialmente com a antropologia teológica e a escatologia de Joseph Ratzinger (Bento XVI), cuja obra oferece subsídios valiosos para pensar a especificidade do tempo cristão como um tempo já tocado pelo fim, pela eternidade que "irrompeu na história" com Cristo.[2] Argumentaremos que esta concepção angular é

eminentemente escatológica, não no sentido de uma mera espera passiva pelo fim dos tempos, mas como vivência de uma realidade onde o "já" da salvação realizada em Cristo e o "ainda não" da consumação final coexistem numa tensão dinâmica, experimentada de modo privilegiado na liturgia e, particularmente, na Eucaristia.

Nas páginas a seguir, revisitaremos as concepções cíclica e linear; analisaremos a novidade introduzida pelo evento Cristo; definiremos e exploraremos as características do "tempo angular"; investigaremos sua manifestação na liturgia e na Eucaristia; discutiremos suas implicações para a compreensão do ser humano e a vivência espiritual; e aprofundaremos a metáfora de Cristo como a "pedra angular" que estrutura este novo tempo.

Para enriquecer esta análise, recorreremos também a outros pensadores que, direta ou indiretamente, contribuíram para a reflexão sobre o tempo, a história e a cultura na perspectiva cristã, como o próprio Agostinho, Tomás de Aquino[3], historiadores da cultura como Christopher Dawson[4], teólogos da história como Henri-Irénée Marrou[5], e filósofos que refletiram sobre a liturgia e a experiência temporal como Dietrich von Hildebrand[6] e Josef Pieper[7], além de perspectivas contemporâneas como a de E. Michael Jones sobre o Logos na história[8].

O objetivo final é demonstrar que a concepção cristã do tempo, aqui denominada "angular", oferece uma chave de leitura teológica profunda que integra, eleva e supera as visões anteriores, revelando o tempo redimido como o espaço sacramental do encontro transformador entre Deus e a humanidade, orientado para a plenitude escatológica.

O tempo dos antigos:

Antes que a singularidade da revelação cristã pudesse reconfigurar a própria estrutura da temporalidade, a humanidade navegou sua existência sob a égide de duas grandes concepções do tempo, distintas em sua forma e implicações, mas ambas tentativas de ordenar o fluxo incessante da experiência e encontrar sentido no devir. De um lado, estendia-se a vasta paisagem do tempo cíclico, dominante em muitas culturas antigas e pagãs, refletindo uma profunda sintonia com os ritmos cósmicos; de outro, emergia a trilha singular do tempo linear, forjada na consciência histórica do povo de Israel, marcada pela intervenção divina e pela promessa. Compreender em maior profundidade essas duas matrizes temporais, com seus pressupostos e consequências, é essencial para aquilatar a novidade radical que o cristianismo introduziria.

O círculo do eterno retorno

A percepção do tempo como um ciclo recorrente, talvez a mais antiga e difundida forma de conceber o devir, encontra suas raízes na observação atenta e reverente dos ritmos da natureza. O sol que nasce no leste e se põe no oeste, dia após dia; a lua que cresce até a plenitude e míngua até desaparecer, mês após mês; as estações que se sucedem com regularidade implacável, regendo os ciclos agrícolas e a vida dos rebanhos, ano após ano; o próprio ciclo biológico da vida, morte e renascimento – tudo parecia apontar para um padrão de repetição perpétua, uma dança cósmica onde o fim invariavelmente reconduzia ao início. Para muitas culturas antigas – desde o Egito faraônico com seus ciclos de cheia do Nilo e a ressurreição de

Osíris, passando pela Mesopotâmia e seus calendários astrais, até a Grécia pré-socrática e as filosofias orientais como o Hinduísmo e o Budismo com suas doutrinas de reencarnação (*samsara*) e eras cósmicas (*yugas*) – o universo não avançava em direção a um futuro desconhecido e aberto, mas girava sobre si mesmo, reencenando eternamente os dramas primordiais estabelecidos pelos deuses ou por princípios impessoais.

Nesta vasta cosmovisão, a religião e o mito desempenhavam um papel central. Como observa o historiador da cultura Christopher Dawson, para muitas sociedades arcaicas, a religião funcionava como o principal elo de ligação com essa ordem cósmica, buscando, através do mito e do ritual, harmonizar a vida humana com os ciclos divinos que governavam o universo.[9] O mito não era, primariamente, uma explicação pré-científica ou uma mera alegoria, mas a narrativa sagrada dos eventos fundadores ocorridos *in illo tempore*, no tempo das origens. Os rituais, por sua vez, não eram simples comemorações, mas reatualizações eficazes desses mitos, destinadas a regenerar o tempo, abolir o desgaste e a desordem acumulados no período profano, e garantir a continuidade da vida, da fertilidade e da ordem social. Pensemos nos festivais de Ano Novo em diversas culturas, que frequentemente incluíam rituais de purificação, expulsão de demônios e reencenação do mito cosmogônico para restabelecer a ordem primordial.

Dentro dessa moldura cíclica, o tempo histórico – a sucessão de eventos únicos, contingentes e irrepetíveis, com consequências duradouras e capazes de gerar novidade – possuía um valor secundário ou mesmo negativo. O que realmente importava era o *Tempo Mítico*, o eterno presente das origens, ao qual se aspirava retornar. A história concreta, com suas mudanças, guerras e sofrimentos, era frequentemente vista como uma ilusão (*maya*, no Hinduísmo), uma degenerescência em relação à perfeição original, ou, na

melhor das hipóteses, um reflexo imperfeito de padrões arquetípicos imutáveis. A salvação, nesse contexto, não residia na transformação da história, mas na libertação do ciclo de nascimentos e mortes, na obtenção da imobilidade do Nirvana, ou na manutenção da harmonia cósmica através da repetição fiel dos ritos ancestrais. Mesmo na filosofia grega, com Platão, o tempo é visto como "a imagem móvel da eternidade"[10], uma degradação do mundo perfeito e imutável das Ideias. No estoicismo, a ideia de *ekpyrosis* (conflagração universal) seguida de *palingenesia* (renascimento do cosmos) reforçava a noção de um ciclo cósmico sem fim e sem propósito último transcendente.

Como aponta o historiador e teólogo Henri-Irénée Marrou, essa visão cíclica, embora possuísse sua própria profundidade e oferecesse um sentido de estabilidade e integração cósmica, tendia a dissolver a singularidade do evento histórico e a responsabilidade moral do indivíduo num padrão repetitivo e, em última análise, fatalista.[11] Não havia espaço para a intervenção decisiva e transformadora do divino *na* história; o divino manifestava-se *através* dos ciclos imutáveis da natureza e do mito.

A Flecha da Promessa

Um corte profundo e revolucionário nessa visão predominantemente cíclica foi operado pela experiência religiosa singular do povo de Israel. A fé hebraica, tal como registrada nas Escrituras, não se ancorava primariamente nos ciclos impessoais da natureza, mas na história dramática de uma aliança entre um Deus único, pessoal, transcendente e livre –

Yahweh – e um povo por Ele escolhido. Este Deus não era apenas o ordenador distante de um cosmos cíclico ou uma força imanente na natureza; Ele era o Senhor da História, que intervinha ativamente no tempo humano através de palavras e atos salvíficos únicos, irrepetíveis e carregados de propósito.

A própria narrativa bíblica começa não com um mito de eterno retorno, mas com o ato livre da Criação *ex nihilo*, ponto de partida absoluto de uma história que se desenrola no tempo. A vocação de Abraão, a libertação do Egito sob Moisés (o Êxodo), a entrega da Lei no Sinai, a conquista da Terra Prometida, a instituição da monarquia, a construção do Templo, a pregação dos profetas, o doloroso Exílio na Babilônia e o subsequente retorno – todos esses não eram eventos arquetípicos a serem ritualmente repetidos para manter uma ordem cósmica, mas momentos decisivos e singulares na relação entre Deus e seu povo, revelando progressivamente o caráter divino (justiça, misericórdia, fidelidade) e o plano salvífico de Deus para Israel e, em última instância, para toda a humanidade.

Com Israel, portanto, o tempo adquire uma estrutura fundamentalmente linear e teleológica. Ele possui um início claro (Criação), um desenvolvimento marcado pela dinâmica da Aliança (fidelidade e infidelidade, promessa e julgamento), e, crucialmente, uma orientação para o futuro. Essa orientação não era uma projeção vaga, mas definida pela Promessa divina: a vinda de um Messias redentor, o estabelecimento definitivo do Reino de Deus, a restauração de Sião, a paz universal, a ressurreição dos mortos. A esperança (*tiqvah*) tornou-se uma categoria central da existência individual e coletiva, e o futuro, não o passado mítico, passou a ser o horizonte decisivo que iluminava e conferia sentido ao presente. O tempo transformou-se em História – uma história sagrada, palco da revelação progressiva de Deus e da resposta livre (e muitas vezes falha)

do ser humano. Santo Agostinho, séculos mais tarde, beberia profundamente dessa fonte bíblica para elaborar sua monumental teologia da história em *A Cidade de Deus*, apresentando toda a trajetória humana, desde Adão até o fim dos tempos, como um drama linear cujo eixo é a ação providente e salvífica de Deus, culminando em Cristo e na luta escatológica entre a Cidade de Deus e a Cidade dos Homens.[12] A história ganhava, assim, um sentido último, uma direção clara e um propósito transcendente que contrastava fortemente com a aparente falta de sentido do eterno retorno.

Essa concepção linear, no entanto, estava longe de ser uma visão otimista e ingênua de progresso contínuo. Ela era permeada por tensões dramáticas: a dolorosa espera pela realização plena da Promessa, a experiência do sofrimento individual e coletivo (como expresso nos Salmos de lamentação ou no livro de Jó), o escândalo do aparente silêncio de Deus diante da injustiça, a luta constante contra a tentação da idolatria e da infidelidade à Aliança, a necessidade contínua de interpretação dos eventos históricos à luz da Palavra divina. Tudo isso gerava um dinamismo existencial, uma responsabilidade histórica e, por vezes, uma angústia profunda, desconhecidos na relativa placidez (ou resignação fatalista) do tempo cíclico. A linearidade israelita, ao abrir o tempo para a novidade da ação de Deus e para a liberdade da resposta humana, preparou o terreno cultural e espiritual para a intervenção ainda mais radical e definitiva que ocorreria com a vinda Daquele que se apresentaria não apenas como o cumpridor da Promessa, mas como o próprio Senhor do Tempo e da História.

As visões cíclica e linear representam, portanto, duas formas contrastantes e fundamentais pelas quais a humanidade buscou dar sentido à

sua existência temporal antes do advento cristão. Uma enfatizava a integração na ordem cósmica e a permanência no eterno retorno, a outra projetava-se na esperança de um futuro prometido e na fidelidade a um Deus pessoal atuante na história. Ambas, com suas luzes e sombras, seriam desafiadas, assumidas e radicalmente reconfiguradas pela emergência de uma nova compreensão do tempo – o tempo angular – que reivindicaria a capacidade única de integrar o eterno no coração do temporal, não como repetição mítica ou mera promessa futura, mas como presença transformadora e sacramental inaugurada em Jesus Cristo.

A Irrupção do Eterno – Cristo e a inauguração do tempo escatológico

A linearidade histórica introduzida pela fé de Israel, com sua orientação para a promessa messiânica e sua abertura à intervenção divina, representou um avanço decisivo sobre a circularidade mítica das culturas pagãs. Contudo, essa linha, embora apontasse para um futuro de cumprimento e fosse marcada por atos salvíficos de Deus, ainda se desenrolava dentro dos limites do tempo criado, aguardando uma intervenção que a levasse à sua plenitude definitiva. É precisamente essa intervenção, de uma natureza e intensidade sem precedentes na história humana, que ocorre com a vinda de Jesus Cristo. A Encarnação do Verbo eterno, sua vida terrena, seus ensinamentos e milagres, e sobretudo seu Mistério Pascal – Paixão, Morte, Ressurreição e Ascensão – não são meramente eventos significativos *dentro* da linha do tempo; eles constituem o ponto de inflexão radical, o evento escatológico por excelência, que reconfigura a própria natureza dessa linha,

inaugurando o que podemos chamar de tempo escatológico – um tempo já penetrado pela eternidade, um tempo qualitativamente novo.

Joseph Ratzinger, em sua profunda análise da escatologia cristã, oferece uma chave interpretativa poderosa ao afirmar que, "Com Cristo, o fim irrompeu na história".[13] Esta afirmação, densa de significado teológico, não implica um fim cronológico do mundo ou da história humana, mas algo muito mais radical: a realidade última, o *eschaton* – ou seja, o propósito final, a plenitude para a qual toda a criação e a história se destinam segundo o desígnio divino – entrou de forma decisiva e irreversível no curso do tempo.

Cristo não é apenas um profeta que anuncia o fim ou um Messias que cumpre promessas passadas; Ele *é*, em sua própria Pessoa divino-humana, a presença pessoal do Fim no meio do tempo. A eternidade, que para a filosofia grega era o oposto imutável do tempo mutável e para a esperança judaica era um horizonte futuro, em Cristo, tocou e penetrou a trama da história de maneira indelével. O Reino de Deus, proclamado por Jesus, não é apenas uma promessa futura, mas uma realidade que "já está no meio de vós" (Lc 17,21), inaugurada em Sua pessoa e em Suas ações.

Essa irrupção do eterno tem consequências transformadoras para a compreensão da temporalidade. O tempo cristão, como Ratzinger sugere, não pode ser reduzido a uma mera sequência cronológica pós-Cristo. Ele é um tempo qualitativamente diferente, um tempo "transubstanciado" – para usar uma analogia eucarística – pela presença do Eterno. A linearidade herdada de Israel, com sua valorização da história e da promessa, é assumida, cumprida e elevada a um novo patamar. A história continua seu curso, mas agora sob o signo da vitória de Cristo sobre o pecado e a morte, sob a presença atuante do Ressuscitado e sob a guia do Espírito Santo

derramado em Pentecostes. É neste contexto que o conceito grego de *kairos* adquire sua plenitude de sentido. Enquanto o *chronos* continua a medir a sucessão quantitativa e homogênea dos instantes, o evento Cristo – desde o seu nascimento "na plenitude do tempo" (Gl 4,4) até a sua Ascensão – inaugura um *kairos* escatológico permanente. Cada momento da era cristã torna-se um tempo oportuno, um instante decisivo carregado de significado salvífico, um tempo de graça e decisão onde a eternidade se oferece à liberdade humana. O anúncio inicial de Jesus: "O tempo (*kairos*) cumpriu-se, e o Reino de Deus está próximo. Convertei-vos e crede no Evangelho!" (Mc 1,15) marca o início desta nova era temporal.

Santo Agostinho, talvez o maior teólogo da história no primeiro milênio cristão, percebeu com acuidade essa qualidade única do tempo cristão em sua obra magna, *A Cidade de Deus*. Embora mantenha a estrutura linear da história da salvação herdada da Bíblia, ele a articula de forma decisiva em torno do evento central da Encarnação. Cristo é o ponto culminante e o centro a partir do qual toda a história anterior (preparação) e posterior (desdobramento) adquire seu verdadeiro sentido.[14] Para Agostinho, a vinda de Cristo não é apenas o cumprimento das profecias do Antigo Testamento, mas o início da sexta e última era da história humana (contando a partir de Adão), a era da Igreja, que se estende desde a primeira vinda de Cristo em humildade até a sua segunda vinda (Parusia) em glória. Esta última era é o tempo da peregrinação da Cidade de Deus na terra, um tempo de tensão entre o já realizado em Cristo e o ainda não consumado na plenitude do Reino.

Essa presença do fim no meio do tempo – a tensão escatológica do "já" e do "ainda não" – é uma característica fundamental da experiência cristã. A escatologia não é relegada a um capítulo final sobre as "últimas coisas"

(morte, juízo, céu, inferno) que ocorrerão num futuro indefinido. Ela permeia toda a vida cristã, pois o futuro definitivo já começou a se manifestar no presente através de Cristo e da vida sacramental da Igreja. A Ressurreição de Cristo não é apenas um evento prodigioso do passado, mas a primícia, a antecipação e a garantia da nossa própria ressurreição final (cf. 1Cor 15,20-23). O Reino de Deus não é somente uma esperança futura, mas uma realidade dinâmica já inaugurada, embora ainda oculta e em crescimento, na pessoa de Cristo, na comunidade dos seus discípulos e nos sacramentos. Como bem argumenta Henri-Irénée Marrou, a teologia cristã da história deve constantemente lidar com essa dialética, reconhecendo que o tempo presente, embora ainda marcado pelo sofrimento e pela luta, está intrinsecamente "grávido" de eternidade, possuindo um valor e uma dignidade próprios como tempo da graça e da missão.[15]

A possibilidade dessa compenetração entre tempo e eternidade reside no mistério insondável da Encarnação. A afirmação central da fé cristã é que o Verbo eterno, a segunda Pessoa da Trindade, assumiu uma natureza humana completa, unindo-a à sua Pessoa divina sem confusão, mudança, divisão ou separação (Concílio de Calcedônia, 451). Santo Tomás de Aquino, com sua habitual clareza metafísica, ao distinguir cuidadosamente entre a eternidade divina (definida como a posse total, simultânea e perfeita de uma vida interminável, própria do ser imutável de Deus) e o tempo criado (definido como a medida do movimento segundo o antes e o depois, próprio dos seres mutáveis), fornece o quadro conceitual para compreender como o Eterno pôde assumir a natureza humana e viver autenticamente no tempo – nascendo, crescendo, sofrendo e morrendo – sem deixar de ser o Deus eterno e imutável em sua divindade.[16] A união hipostática em Cristo é o mistério central que fundamenta a possibilidade do tempo angular,

conferindo ao tempo humano uma dignidade sem precedentes e um potencial de divinização antes inimaginável.

Em suma, o evento Cristo representa a ruptura decisiva e a reconfiguração fundamental das concepções anteriores do tempo. Ele não abole a linearidade histórica de Israel, mas a cumpre, a transcende e a qualifica de forma nova, infundindo-a com a presença real do *eschaton*. O tempo, a partir de Cristo, deixa de ser apenas espera ou sucessão cronológica para se tornar o palco da irrupção do eterno, um *kairos* permanente de salvação, um tempo sacramental. Essa nova qualidade do tempo, prenhe de eternidade, orientada para a consumação final, mas já experimentada e vivida no presente da Igreja, é o que começaremos a explorar sob o conceito de "tempo angular" no próximo capítulo, buscando desvendar a sua estrutura e dinâmica próprias.

A Geometria da Salvação

A irrupção do eterno na história, consumada na pessoa e obra de Jesus Cristo, como vimos no capítulo anterior, não apenas reorientou a linha do tempo herdada de Israel, infundindo-a com a presença do *eschaton*, mas introduziu uma nova e radical geometria espiritual na própria estrutura da temporalidade. Se o tempo cíclico das culturas pagãs se assemelhava a um círculo fechado sobre si mesmo, e o tempo linear de Israel a uma flecha apontada para um futuro prometido, a concepção especificamente cristã do

tempo, argumentamos, assume a forma dinâmica de um *ângulo*. Este conceito de "tempo angular" não pretende ser uma mera metáfora estética ou um neologismo arbitrário, mas uma ferramenta heurística para capturar a dinâmica fundamental da relação entre Deus e a humanidade redimida, um encontro transformador que define a natureza da era inaugurada por Cristo.

O que caracteriza, então, fundamentalmente este tempo angular? Ele é, em sua essência, o ponto de encontro, a articulação viva e contínua, entre dois movimentos que definem a economia da salvação cristã: o movimento descendente da graça divina e o movimento ascendente da resposta humana.

Por um lado, temos o movimento descendente, a iniciativa absolutamente gratuita de Deus. Este movimento tem sua expressão máxima na *kenosis* do Verbo (cf. Fl 2,6-8), a condescendência inaudita de Deus que, em Jesus Cristo, se esvazia de sua glória divina, assume a condição humana em sua fragilidade (exceto o pecado), entra no tempo e na história, partilha a nossa existência até a morte na cruz, tudo para redimir-nos a partir de dentro. Este é o braço vertical do ângulo, a descida amorosa e misericordiosa da graça divina que vem do alto, não como uma imposição, mas como um dom que se oferece. A Encarnação é o início deste movimento, mas ele se prolonga na vida da Igreja através da missão do Espírito Santo, da Palavra proclamada, dos sacramentos (especialmente a Eucaristia) e das múltiplas formas como a graça divina continua a tocar e a interpelar a história e a consciência humana.

Por outro lado, temos o movimento ascendente, a resposta da humanidade que, capacitada e atraída por essa mesma graça preveniente, se eleva em direção a Deus. Esta resposta se manifesta na fé que acolhe a revelação, na esperança que se orienta para as promessas divinas e na caridade que ama a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si

mesmo. É a trajetória da alma individual em sua busca por Deus, como descrita por Agostinho em suas *Confissões* ("Fizeste-nos para Ti..."), mas também a peregrinação coletiva da Igreja, o Povo de Deus, que caminha na história em direção à sua consumação escatológica na Jerusalém Celeste. Este é o braço ascendente do ângulo, a resposta livre e amorosa da criatura ao chamado do Criador, uma subida que só é possível porque Deus primeiro desceu até nós.

O vértice deste ângulo, o ponto crucial de articulação onde o divino toca o humano de forma definitiva e o humano é elevado à comunhão com o divino, é a própria pessoa de Jesus Cristo. Ele é o Verbo Encarnado, perfeito Deus e perfeito Homem, o único Mediador entre Deus e os homens (cf. 1Tm 2,5). Nele, a descida de Deus e a possibilidade de ascensão do homem se encontram de forma indissolúvel na união hipostática. Ele é, como exploraremos mais detalhadamente no Capítulo 6, a "pedra angular" rejeitada pelos construtores, mas que se tornou o fundamento e o ponto de convergência de todo o edifício da salvação (cf. Sl 118,22; Mt 21,42; Ef 2,20-22). Assim como a pedra angular une e sustenta as paredes de um edifício, Cristo une e sustenta os dois movimentos do tempo angular, conferindo-lhe sua estrutura e sua dinâmica próprias.

Nesta perspectiva, o tempo angular supera dialeticamente as limitações das concepções anteriores, integrando seus elementos válidos numa síntese superior. Ele não é a mera repetição do mesmo, como no ciclo pagão, pois a intervenção única e irrepetível de Cristo introduziu uma novidade radical (a Ressurreição, a Nova Criação) e uma direção escatológica irreversível. A história tem um sentido e caminha para um fim último em Cristo. Contudo, ele também não é apenas uma linha reta e homogênea que avança cronologicamente, indiferente à dimensão vertical do eterno. O tempo angular é um tempo "denso", "espesso", carregado da presença do eterno

que irrompeu nele. Como Ratzinger enfaticamente argumenta, o fim já está presente no meio, conferindo a cada instante uma qualidade sacramental, uma possibilidade real de encontro com o Deus vivo, uma porta aberta para a eternidade.[17] Ele integra, portanto, elementos da linearidade (a história continua a avançar em direção à Parusia, há progresso na compreensão da fé e na construção do Reino) e da ciclidade (a vida litúrgica, com seu calendário anual, reatualiza ritmicamente os mistérios da vida de Cristo, especialmente o Mistério Pascal), mas os transfigura radicalmente. A repetição litúrgica não é retorno ao mito pagão, mas *anamnese*, memória eficaz que torna presente o evento único e salvífico de Cristo; a progressão histórica não é autônoma ou imanente, mas vivida sob o senhorio de Cristo Ressuscitado e orientada para Ele.

A profunda análise agostiniana do tempo como *distensio animi* – essa complexa distensão da alma entre a memória do passado, a atenção ao presente e a expectativa do futuro – continua a ser uma descrição fenomenológica insuperável da experiência subjetiva do tempo.[18] No entanto, o conceito de tempo angular busca complementar essa visão subjetiva com a dimensão objetiva da ação salvífica de Deus *no* tempo. Não é apenas a alma humana que se "distende" na história; é o próprio Deus que, em sua misericórdia, se "distende" em direção à sua criação através da Encarnação, da Paixão e da contínua dispensação sacramental da graça pela Igreja. O tempo torna-se, assim, não apenas a medida do movimento (Aristóteles) ou a estrutura da consciência (Agostinho, Kant), mas o veículo potencial da graça divina, o canal privilegiado através do qual a eternidade toca, interpela e transforma a história.

A rigorosa distinção estabelecida por Santo Tomás de Aquino entre a eternidade divina (o *nunc stans*, o agora permanente, sem sucessão, próprio

do Ser Imutável) e o tempo criado (o fluxo sucessivo de instantes, próprio dos seres contingentes e mutáveis) fornece o quadro ontológico indispensável para pensar essa relação entre Deus e o tempo sem cair em panteísmo ou confusão de planos.[19] O tempo angular não dissolve a diferença infinita entre o Criador e a criatura, mas descreve a forma específica como o Criador eterno escolheu se relacionar com a criatura temporal na nova e definitiva aliança estabelecida em Cristo. É um tempo intrinsecamente teândrico, divino-humano, reflexo da própria natureza do Mediador, Jesus Cristo.

Essa concepção angular do tempo tem implicações existenciais profundas. Se o tempo é estruturado por este encontro dinâmico, então cada momento presente é um potencial vértice, um *kairos*, um ponto de encontro real entre a graça divina que se oferece e a liberdade humana que é chamada a responder. O passado não é simplesmente deixado para trás, mas é redimido e assumido pela memória em Cristo (anamnese litúrgica e pessoal), tornando-se fonte de gratidão e aprendizado. O futuro não é um destino cego ou uma utopia imanente, mas é antecipado na esperança teologal Nele (dimensão escatológica), orientando as ações presentes. Contudo, é no presente – o único tempo que realmente possuímos – que a salvação se atualiza, a decisão se impõe e a comunhão com Deus se realiza. Isso confere ao instante presente uma densidade, uma urgência e uma responsabilidade singulares, ecoando a advertência evangélica à vigilância (cf. Mt 24,42-44).

Talvez aqui resida uma conexão profunda com a crítica de Josef Pieper ao "mundo do trabalho total" e sua apaixonada defesa do ócio contemplativo como fundamento da cultura.[20] O tempo angular, por sua própria natureza, resiste a ser instrumentalizado pela lógica puramente funcional, produtivista e imanente do *chronos* secularizado. Ele não é apenas tempo *para* fazer

coisas, mas tempo *para* ser, para encontrar, para acolher, para responder. Ele convida a uma atitude de receptividade atenta, de escuta da Palavra, de contemplação da ação de Deus, de celebração gratuita – atitudes próprias do ócio nobre defendido por Pieper, que encontra sua expressão máxima no culto divino. O tempo angular é, em sua essência, um tempo litúrgico, mesmo quando vivido fora das celebrações formais.

Podemos ainda vislumbrar uma ligação com a ênfase de E. Michael Jones na centralidade do Logos para a compreensão da história e da realidade.[21] Se Cristo é o Logos eterno encarnado, a Razão, a Palavra e o Sentido último que subjazem e ordenam toda a realidade criada, então o tempo angular pode ser visto como a própria estrutura temporal informada e reordenada por este Logos. Não é um tempo caótico, absurdo ou arbitrário, mas um tempo intrinsecamente significativo, inteligível e orientado, porque articulado em torno Daquele que é o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim (cf. Ap 22,13). A história humana, nessa visão, torna-se o palco dramático da interação entre o Logos divino que se oferece e a liberdade humana que O acolhe ou O rejeita.

Em síntese, o tempo angular é a proposta conceitual para nomear e descrever a concepção especificamente cristã da temporalidade na era pós-Encarnação. É um tempo definido pelo encontro dinâmico entre a descida da graça divina e a subida da resposta humana, articulado na pessoa de Jesus Cristo, o vértice que une o céu e a terra. Ele integra e supera dialeticamente as visões cíclica e linear, conferindo ao tempo uma qualidade intrinsecamente escatológica e sacramental, onde cada instante é uma oportunidade única de viver na presença do eterno que irrompeu na história. A manifestação mais concreta, visível e privilegiada desta temporalidade angular encontra-se, como veremos detalhadamente no próximo capítulo, no

coração palpitante da vida da Igreja: a sagrada liturgia.

O coração do Tempo Angular – Liturgia e Eucaristia

Se o tempo angular, como definimos no capítulo anterior, descreve a nova geometria espiritual inaugurada por Cristo – essa articulação dinâmica entre a descida da graça divina e a ascensão da resposta humana, com Cristo como vértice –, então a sagrada liturgia da Igreja, e de modo superlativo a celebração Eucarística, constitui o seu epicentro vivo, o coração pulsante onde essa temporalidade única é não apenas simbolizada, mas vivida, celebrada e tornada sacramentalmente eficaz. A liturgia não é um mero apêndice devocional ou um conjunto de cerimônias externas na vida cristã; ela é, na perspectiva aqui desenvolvida, a atualização contínua do tempo angular, o espaço sacramental por excelência onde a Igreja, Corpo de Cristo, experimenta de forma mais intensa e concreta a articulação entre o "já" da salvação realizada em Cristo e o "ainda não" da consumação final no Reino de Deus.

É fundamental, para apreender a profundidade temporal da liturgia, superar uma visão meramente cronológica ou psicológica. A ação litúrgica, especialmente a Santa Missa, transcende a categoria de simples recordação subjetiva ou repetição ritualística de eventos passados. Como insistiu o filósofo Dietrich von Hildebrand ao defender a objetividade, a transcendência e a sacralidade do rito contra as tendências de subjetivização, a liturgia não é primariamente expressão dos sentimentos ou ideias da comunidade reunida, mas participação na ação objetiva e

santificadora de Cristo Cabeça na e através da sua Igreja Corpo.[22] Por isso, a liturgia opera numa temporalidade própria, o *tempus liturgicum* ou *tempus Ecclesiae*, que, embora inserido no *chronos* histórico, é qualitativamente distinto dele. É um tempo santificado, permeado pela presença do eterno.

Quando a Igreja celebra os mistérios de Cristo – seja no ciclo diário do Ofício Divino, no ciclo semanal do Domingo (Dia do Senhor, Páscoa semanal), ou no grande ciclo anual que revive os eventos da vida de Cristo (Advento, Natal, Tempo Comum, Quaresma, Tríduo Pascal, Tempo Pascal) – ela não está apenas "lembrando" algo que aconteceu há dois mil anos. Pelo poder do Espírito Santo, ela está entrando novamente nesse evento salvífico, tornando-o presente e atuante para a assembleia reunida. Este é o significado profundo da *anamnese* litúrgica, um conceito chave na teologia sacramental. Na Oração Eucarística, após a consagração, a Igreja proclama: "Anunciamos, Senhor, a vossa morte, proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!" ou fórmulas semelhantes.

Esta não é uma mera recordação psicológica do passado, mas uma memória eficaz, um memorial sacramental que torna presente e atuante, aqui e agora (*hic et nunc*), a obra redentora de Cristo, particularmente seu único e irrepetível Mistério Pascal (Paixão, Morte, Ressurreição e Ascensão). A anamnese representa, assim, o movimento ascendente do tempo angular: a Igreja, recordando os *magnalia Dei* (as grandes obras de Deus), eleva sua prece, seu louvor e sua oferta (unida ao sacrifício de Cristo) em direção ao Pai.

Complementar e inseparável da anamnese, e igualmente essencial para a dinâmica do tempo angular na liturgia, é a *epiclese*, a invocação solene do Espírito Santo. Na maioria das Orações Eucarísticas, há uma dupla epiclese: uma sobre as oferendas de pão e vinho, antes da narrativa da instituição,

para que se tornem o Corpo e Sangue de Cristo; e outra sobre a assembleia reunida, após a anamnese, para que, ao comungar o Corpo de Cristo, os fiéis se tornem um só corpo Nele, transformados pelo mesmo Espírito. Se a anamnese é o movimento da Igreja que recorda e oferece, elevando-se a Deus, a epiclese representa o movimento descendente de Deus que responde, enviando o seu Espírito Santificador. É o momento em que a graça divina desce de forma palpável, a eternidade toca visivelmente (sob os véus sacramentais) o tempo, e a ação de Deus consagra as oferendas e santifica a comunidade. A interação intrínseca entre anamnese e epiclese na estrutura da grande Oração Eucarística manifesta plasticamente a geometria do tempo angular: a subida da memória e da oferta humana encontra a descida transformadora da graça e da presença divina, tudo convergindo em Cristo, presente no sacramento.

No ápice desta dinâmica encontra-se, evidentemente, a Santíssima Eucaristia. Ela é, por excelência, o sacramento do tempo angular. Nela, a irrupção do eterno no tempo, inaugurada na Encarnação e consumada na Páscoa, perpetua-se de forma sacramental ao longo da história da Igreja. A doutrina da presença real de Cristo sob as espécies do pão e do vinho – não uma presença meramente simbólica ou espiritual, mas substancial (transubstanciação) – significa que o Eterno se faz presente de modo único e incomparável no aqui e agora da celebração. Como Joseph Ratzinger frequentemente apontava, a Eucaristia é a "prolepse do fim", uma antecipação real e substancial do banquete escatológico no Reino dos Céus. Nela, o tempo da Igreja já participa da eternidade do Reino, o futuro glorioso já se torna presente sob o véu sacramental.[23] Cada celebração Eucarística é, portanto, um vértice agudo no tempo angular, um ponto de máxima intensidade onde o passado redentor (a memória eficaz da Paixão e Ressurreição), o presente santificado (a comunhão real com Cristo

Ressuscitado e com os irmãos) e o futuro glorioso (o penhor da vida eterna e a antecipação da Parusia) convergem de forma admirável e transformadora. É o "sacramento da piedade, sinal de unidade, vínculo da caridade, banquete pascal em que Cristo é recebido como alimento, a alma é cumulada de graça e nos é dado o penhor da glória futura" (Sacrosanctum Concilium, 47).[24]

Essa compreensão da liturgia como coração do tempo angular ressoa profundamente com a defesa do ócio (no sentido clássico de *skholé* ou *otium*) feita por Josef Pieper como fundamento da cultura.[25] A celebração litúrgica é o ato de "ócio" por excelência, no sentido mais nobre que Pieper lhe atribui: uma interrupção deliberada da lógica utilitária e produtivista do *chronos* profano para abrir espaço à contemplação gratuita, à adoração, à festa comunitária e ao culto divino. É um tempo que não "serve" primariamente para produzir algo externo, mas para "ser com" Deus e com os irmãos, para celebrar a salvação recebida como dom e antecipar a glória futura. É um tempo de receptividade, de escuta da Palavra, de ação de graças (Eucaristia significa "ação de graças"). Por isso, argumenta Pieper, o culto divino é o verdadeiro fundamento da cultura humana autêntica, pois reorienta o tempo e a atividade humana para a sua fonte e fim últimos em Deus, libertando-os da tirania do funcionalismo imanente.

Assim, a liturgia, centrada na Eucaristia e desdobrada no ritmo do Ano Litúrgico, não é uma fuga do tempo histórico, mas a sua redenção e transfiguração a partir de dentro. Ela ensina a Igreja e cada fiel a viver conscientemente no tempo angular, reconhecendo a presença ativa de Deus na história através de Cristo e do Espírito, e orientando toda a existência para a comunhão com a eternidade. É na celebração comunitária dos mistérios de Cristo que o cristão aprende a navegar a tensão dinâmica entre

o "já" da graça recebida e o "ainda não" da glória esperada, encontrando no presente sacramental a força, o sentido e a direção para a sua peregrinação histórica. A liturgia torna-se, assim, a escola permanente e o coração vital da temporalidade cristã, o lugar onde a geometria da salvação se atualiza continuamente, moldando a identidade e a missão da Igreja no mundo.

O ser humano no Tempo Angular

A experiência litúrgica, como exploramos no capítulo anterior, constitui o coração pulsante do tempo angular, o espaço sacramental onde a Igreja, como comunidade e Corpo de Cristo, vive de forma mais intensa e objetiva a articulação entre o eterno e o temporal. No entanto, essa temporalidade redimida não se restringe aos muros da celebração ou aos momentos explicitamente sagrados; ela é chamada a irradiar para toda a existência humana, moldando profundamente a autocompreensão do cristão (a sua antropologia vivida) e orientando a sua vivência espiritual concreta no meio do mundo. Compreender o tempo como angular implica, portanto, revisitar as bases da antropologia teológica cristã e extrair as suas consequências práticas para a vida espiritual individual e coletiva, enfrentando os desafios de habitar este tempo no contexto contemporâneo.

No cerne da antropologia teológica cristã, particularmente como desenvolvida na grande tradição patrística e escolástica e retomada por pensadores como Joseph Ratzinger, encontra-se a visão do ser humano como uma criatura única, feita "à imagem e semelhança de Deus" (Gn 1,26-27). Esta afirmação fundamental significa que o ser humano não é um produto aleatório da evolução ou um mero feixe de impulsos biológicos e sociais, mas um ser dotado de inteligência, vontade e liberdade,

constitutivamente relacional e intrinsecamente orientado para o seu Criador. O ser humano é *capax Dei*, capaz de Deus, portador de um desejo natural e inextinguível de verdade, de bem, de beleza e, em última análise, de infinito, que nenhuma realidade finita ou intramundana pode satisfazer plenamente.[26] Como expressou Santo Agostinho de forma lapidar e existencialmente pungente no início das *Confissões*: "Fizeste-nos para Ti, Senhor, e o nosso coração anda inquieto enquanto não descansar em Ti".[27] Essa inquietude fundamental (*inquietum cor*), essa busca incessante por um sentido último e uma plenitude que transcendem o horizonte do tempo e do espaço, revela a estrutura escatológica inerente à própria natureza humana. Longe de ser apenas uma doutrina sobre eventos futuros, a escatologia é, como sugere Ratzinger, a chave para a compreensão da verdadeira antropologia: o homem é um ser que só se compreende plenamente a partir do seu fim último em Deus, a sua vocação à comunhão eterna.

É precisamente neste ponto que a concepção do tempo angular encontra a sua ressonância antropológica mais profunda e significativa. Se o ser humano é fundamentalmente um ser em relação com o Eterno, um peregrino em busca da Pátria Celeste, então a estrutura temporal que melhor expressa a possibilidade e a dinâmica dessa relação não pode ser nem o ciclo fechado sobre si mesmo do eterno retorno (que anula a liberdade e a novidade), nem a linha meramente horizontal e imanente do progresso secular (que ignora a transcendência e o fim último). O tempo angular, com o seu duplo movimento característico – a descida gratuita da graça divina que busca o homem e a subida da resposta humana que, capacitada pela graça, busca a Deus – reflete a própria dinâmica da história da salvação e da relação pessoal entre Deus e a alma. É o tempo feito à medida do encontro, o espaço-tempo da aliança vivida, da liberdade que

responde ao Amor.

Viver conscientemente neste tempo angular, portanto, transforma radicalmente a forma como o cristão se situa na história e experimenta o seu próprio presente. Supera-se, por um lado, a tentação de uma nostalgia paralisante por um passado idealizado – seja ele o paraíso perdido, a Igreja primitiva ou uma suposta "idade de ouro" da cristandade – que pode levar ao imobilismo ou ao ressentimento. Supera-se, por outro lado, a tentação de uma fuga para um futuro utópico puramente terreno (ideologias políticas) ou uma ansiedade escatológica desencarnada que despreze o valor e as tarefas do instante presente. O foco da espiritualidade cristã desloca-se para o presente sacramental – o "hoje" da salvação (cf. Hb 3,13), o momento atual como lugar privilegiado do encontro com o Deus vivo, da escuta da sua Palavra e da resposta à sua graça. Como nos ensina a própria estrutura da liturgia (Capítulo 4), o passado é recordado eficazmente na anamnese (tornando-se fonte de gratidão e força) e o futuro é antecipado com esperança na prolepse escatológica (orientando a ação presente), mas ambos convergem na intensidade e na responsabilidade do presente vivido sob o olhar de Deus.

Essa valorização radical do presente, no entanto, não implica de forma alguma passividade, quietismo ou acomodação com o status quo. Pelo contrário, o tempo angular é um tempo carregado de responsabilidade, de urgência missionária e de combate espiritual. A advertência evangélica constante à vigilância – "Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora" (Mt 25,13); "Estai preparados" (Lc 12,40) – ressoa com particular força nesta perspectiva. Cada instante é simultaneamente dom gratuito de Deus e tarefa confiada à liberdade humana. É uma oportunidade única de acolher a graça que desce e de responder com a fé que sobe, colaborando ativamente com o desígnio salvífico de Deus. Não se trata de um tempo vazio a ser

preenchido com um ativismo frenético e puramente humano – aqui a crítica de Josef Pieper ao "mundo do trabalho total" e à primazia da *vita activa* sobre a *vita contemplativa* mantém toda a sua pertinência[28] – mas sim de um tempo denso, prenhe de significado, a ser vivido com atenção interior, discernimento espiritual e prontidão para a ação de Deus e para as exigências éticas concretas que dela decorrem (o amor ao próximo, a busca da justiça, o cuidado com a criação). A esperança cristã, neste quadro, não é uma espera passiva e alienada, mas uma virtude dinâmica, uma colaboração ativa com a graça divina na construção paciente e perseverante do Reino de Deus, que já está misteriosamente presente no meio de nós e caminha para a sua plena manifestação.

Neste contexto, a oração pessoal e comunitária, juntamente com a vida sacramental (especialmente a Eucaristia e a Reconciliação), tornam-se as ferramentas essenciais, os "pulmões" espirituais para respirar e navegar no tempo angular. São elas que afinam a sensibilidade da alma para perceber a presença e a ação discreta da graça divina nos acontecimentos cotidianos e que fortalecem a vontade para a resposta ascendente da fé, da esperança e da caridade. A participação frequente e consciente na Eucaristia, coração do tempo angular, alimenta, configura e unifica toda a existência cristã segundo essa geometria da salvação. A prática perseverante das virtudes teologais – fé, esperança e caridade – infundidas por Deus no Batismo e alimentadas pelos sacramentos e pela oração, torna-se o modo concreto de habitar este tempo: a fé que reconhece a presença do eterno no frágil presente e adere à verdade revelada; a esperança que confia nas promessas de Deus e orienta toda a vida para a consumação futura na comunhão com Ele; e a caridade, "vínculo da perfeição" (Cl 3,14), que traduz o encontro vertical com Deus em amor efetivo e serviço generoso ao próximo, especialmente aos mais necessitados, nos quais Cristo mesmo se faz presente (cf. Mt 25,40).

Em última análise, viver no tempo angular é abraçar com realismo e esperança a condição de *homo viator*, de peregrino neste mundo. É ter a consciência clara, como ensinava Santo Agostinho, de que somos cidadãos de duas cidades – a terrena e a celeste – e que a nossa pátria definitiva não é deste mundo (cf. Jo 18,36; Hb 13,14). No entanto, essa consciência não leva à fuga do mundo ou ao desprezo das realidades terrenas, mas a um compromisso renovado com a transformação do mundo a partir de dentro, segundo os valores do Evangelho, já experimentando neste mundo, através da fé e dos sacramentos, os sinais, as primícias e o penhor da eternidade futura. É encontrar o ponto de equilíbrio dinâmico entre a imanência e a transcendência, entre o engajamento histórico e a orientação escatológica, reconhecendo em cada instante, por mais banal ou difícil que pareça, a possibilidade sempre aberta do encontro transformador com Aquele que é o Senhor do tempo e da eternidade, Jesus Cristo.

A Pedra Angular do Tempo

A compreensão do tempo angular, como essa dinâmica de encontro sacramental entre a condescendência divina e a resposta humana articulada em Cristo, encontra uma ressonância imagética e uma profundidade teológica particularmente ricas na célebre metáfora bíblica de Cristo como a "pedra angular" (*lithos akrogōniaios* em grego, *lapis angularis* em latim). Esta imagem, com raízes no Antigo Testamento (cf. Is 28,16; Sl 118,22), é significativamente retomada pelo próprio Jesus na parábola dos vinhateiros homicidas (cf. Mt 21,42; Mc 12,10-11; Lc 20,17) e subsequentemente aplicada a Ele de forma explícita e central pelos Apóstolos em sua pregação e escritos (cf. At 4,11; 1Pd

2,4-7; Ef 2,20-22). Ela se torna, assim, um pilar fundamental da cristologia e da eclesiologia neotestamentárias. Argumentamos aqui que essa poderosa metáfora arquitetônica carrega também uma profunda potência temporal, iluminando de modo singular a natureza de Cristo como o eixo ontológico sobre o qual se estrutura, se sustenta e se orienta o próprio tempo redimido, o tempo angular.

No seu sentido arquitetônico original, a pedra angular era a pedra fundamental, cuidadosamente escolhida e precisamente colocada no ângulo de um edifício, servindo simultaneamente de base, ponto de união e alinhamento para toda a construção. Era o ponto de convergência das linhas estruturais, garantindo a coesão, a estabilidade e a orientação correta do conjunto. Sem ela, as paredes permaneceriam separadas, instáveis, desalinhadas. Simbolicamente, portanto, ela representa o elemento essencial, o princípio unificador indispensável que confere forma, solidez e propósito àquilo que, sem ela, permaneceria disperso, caótico ou sem sentido. Aplicada a Cristo na tradição cristã, a imagem O designa inequivocamente como o fundamento único e indispensável sobre o qual se edifica o novo e definitivo templo espiritual – não mais feito de pedras materiais, mas de "pedras vivas" (1Pd 2,5) –, que é a Igreja, o Corpo de Cristo, a nova humanidade reconciliada com Deus e entre si (cf. Ef 2,14-22).

Contudo, a função da pedra angular, especialmente na rica exegese patrística, transcende a mera ideia de uma fundação estática. Ela é também, e talvez principalmente, o ponto de articulação dinâmica, o vértice que une e mantém coesas diferentes paredes, diferentes planos, diferentes direções. Santo Agostinho, por exemplo, comenta que Cristo é a pedra angular porque uniu em Si mesmo os dois povos, judeus e gentios, como duas paredes que

vêm de direções diferentes, mas se encontram e se unem Nele.[29] Outros Padres veem Nele a união do Antigo e do Novo Testamento, ou mesmo do céu e da terra. É precisamente esta dimensão dinâmica de articulação e unificação que nos permite estender a metáfora para a compreensão da estrutura do tempo angular. Se o tempo angular, como propusemos, é definido pelo encontro dinâmico do movimento descendente da graça de Deus e do movimento ascendente da resposta humana, então Cristo, a pedra angular, é o próprio Vértice vivo onde esses dois movimentos se encontram, se unem e se articulam de forma indissolúvel. Ele é o ponto de inflexão absoluto da história, o lugar ontológico onde o eterno (Deus) se une ao temporal (humanidade) na união hipostática. Assim como a pedra angular define a geometria e a solidez do edifício, Cristo define a nova geometria espiritual do tempo: Ele é o eixo vertical da graça que desce do céu (*kenosis*) e, simultaneamente, o ponto de partida e o caminho para a ascensão da humanidade redimida a Deus (*anástasis*, ressurreição e glorificação).

Nesta perspectiva, Cristo não é apenas o centro cronológico da história (o ponto que divide o "antes" e o "depois"), como já percebido por Agostinho e pela própria datação cristã do tempo, mas Ele é, muito mais profundamente, o seu centro estrutural, ontológico e teleológico. Ele é Aquele que confere sentido último, coesão interna e orientação final a todo o fluxo temporal da criação e da história humana. Como argumenta E. Michael Jones em sua obra *Logos Rising*, Cristo é o Logos eterno encarnado, a Razão, a Palavra e o Sentido que subjazem, sustentam e ordenam toda a realidade criada.[30] A história humana, antes Dele, pode ser vista como a longa e muitas vezes confusa preparação das fundações e a extração das pedras; com a Sua vinda, a Pedra Angular definitiva é assentada por Deus, e todo o edifício do tempo começa a ser reconstruído

sobre este fundamento seguro e eterno, orientado para a sua consumação final Nele, quando Deus será "tudo em todos" (1Cor 15,28). O tempo, a partir de Cristo, torna-se intrinsecamente "cristoforme", estruturado e permeado pela Sua presença sacramental e pelo Seu senhorio sobre a história.

A dramática rejeição da pedra angular pelos "construtores" (as autoridades religiosas e políticas do seu tempo), mencionada no Salmo 118 e enfatizada por Jesus na conclusão da parábola, adquire também uma dimensão temporal e teológica crucial. A Paixão e a Morte de Cruz de Jesus, que foram "escândalo para os judeus e loucura para os gentios" (1Cor 1,23), representam o momento paradoxal e trágico em que a história humana, em sua liberdade ferida pelo pecado e manipulada por poderes hostis ao Logos, rejeita o seu próprio Fundamento, o seu Sentido último, a própria Fonte da sua existência e salvação. No entanto, é precisamente nessa rejeição, nesse aparente fracasso e absurdo histórico, que a Pedra Angular revela a sua invencível força divina e o seu amor incompreensível. A Ressurreição transforma radicalmente a pedra rejeitada e humilhada na Pedra Angular exaltada e glorificada, fundamento inabalável da nova criação e fonte de vida eterna. A Cruz, portanto, torna-se, no mistério insondável do desígnio divino, o vértice mais agudo e paradoxal do tempo angular: o ponto onde o amor divino que desce até ao extremo da morte de cruz encontra a resposta humana perfeita na obediência filial de Cristo, elevando essa mesma humanidade à máxima união com Deus. É a "dobra" decisiva do tempo, o momento em que o tempo é atravessado, assumido e redimido pela eternidade do amor sacrificial de Deus em Cristo.

Assim, o tempo angular é intrinsecamente pascal; ele nasce da Cruz e da Ressurreição e carrega permanentemente a marca indelével deste Mistério. Não é um tempo neutro, homogêneo ou indiferente, mas um

tempo qualitativamente novo, marcado pela vitória definitiva de Cristo sobre o pecado, a morte e o demônio. É um tempo de reconciliação, de nova criação, de presença do Espírito Santo. Como Joseph Ratzinger enfatiza repetidamente, a escatologia (a realidade do fim) irrompeu na história com Cristo, e todo o tempo subsequente da Igreja vive sob o raio luminoso e transformador dessa presença escatológica.[31] Neste tempo pascal, cada instante, vivido na fé e na graça, torna-se uma oportunidade para que o fiel, como "pedra viva", se una à Pedra Angular na construção contínua do templo espiritual (cf. 1Pd 2,5). Essa edificação não é apenas espacial (a estrutura visível da Igreja), mas também profundamente temporal: o próprio tempo humano, com suas alegrias e tristezas, trabalhos e descansos, está sendo santificado, reordenado e orientado para a sua plenitude em Cristo.

Os Padres da Igreja, ao comentarem a imagem da pedra angular, frequentemente exploraram suas múltiplas ressonâncias. Além da já mencionada união dos judeus e gentios, viram nela a união das duas naturezas, divina e humana, na única Pessoa de Cristo; a união do céu e da terra; a união da Lei e da Graça; a união do Antigo e do Novo Testamento. Todas essas dimensões de unificação e convergência podem ser aplicadas analogicamente à temporalidade. Em Cristo, a Pedra Angular, as linhas aparentemente dispersas e fragmentadas da história humana, as esperanças muitas vezes obscuras dos profetas, os ciclos repetitivos da natureza, os anseios mais profundos das filosofias e religiões, encontram o seu ponto de convergência, de purificação, de cumprimento e de reordenação definitiva. Ele é a Articulação perfeita que une o passado redimido e o futuro prometido no presente sacramental da graça.

Afirmar, portanto, que Cristo é a Pedra Angular do tempo é reconhecer que Ele é o princípio estruturante, o eixo ontológico e o fim último da

história redimida. Nele, o tempo não apenas corre linearmente ou gira ciclicamente, mas se curva – se inclina em adoração, se eleva em resposta, se orienta decisivamente em direção à eternidade. Viver no tempo angular é, em última instância, viver sobre este Fundamento inabalável, permitindo que a nossa própria existência temporal, pessoal e comunitária, seja continuamente moldada, alinhada e orientada por Ele, construindo com Ele, pela força do Espírito Santo, o Reino de Deus que já está misteriosamente entre nós e que caminha, na esperança ativa, para a sua plena manifestação na glória.

Conclusão: O Tempo Transfigurado

Ao longo desta reflexão, buscamos desvelar a singularidade da concepção cristã do tempo, propondo a noção de "tempo angular" como chave interpretativa para compreender a nova realidade temporal inaugurada pela Encarnação, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo. Partindo da constatação das limitações inerentes às visões puramente cíclicas ou estritamente lineares que marcaram grande parte da história do pensamento humano, argumentamos que o cristianismo não apenas adota e aprofunda a linearidade histórica herdada de Israel, mas a transfigura radicalmente pela irrupção do eterno no coração do temporal.

O tempo angular, como o definimos, representa essa articulação dinâmica entre a condescendência divina que desce até à humanidade em Cristo e a resposta humana que, pela graça, ascende em direção a Deus. É um tempo estruturado pelo encontro, cuja geometria é definida pela pessoa de Cristo, a Pedra Angular que une o céu e a terra, a eternidade e a história. Vimos como essa concepção encontra sua expressão mais viva na liturgia, particularmente na Eucaristia, onde a memória eficaz do passado redentor (anamnese), a presença real do Ressuscitado no presente (comunhão) e a

antecipação do futuro glorioso (escatologia) convergem sacramentalmente. A liturgia torna-se, assim, o coração pulsante e a escola desta temporalidade redimida.

Exploramos também as profundas implicações antropológicas desta visão. O ser humano, compreendido como *capax Dei*, encontra no tempo angular o espaço adequado para a realização da sua vocação ao encontro com o Eterno. Viver neste tempo implica uma espiritualidade da vigilância, da responsabilidade e da esperança ativa, centrada no presente sacramental como lugar privilegiado da decisão e da graça. A metáfora da Pedra Angular reforçou a ideia de Cristo não apenas como centro, mas como eixo estruturante deste tempo redimido, conferindo-lhe coesão, sentido e orientação escatológica.

Ao considerar pensadores como Santo Agostinho, Joseph Ratzinger, Santo Tomás de Aquino, Henri-Irénée Marrou, Christopher Dawson, Dietrich von Hildebrand, Josef Pieper e E. Michael Jones, buscamos fundamentar e enriquecer nossa tese, mostrando como diferentes facetas da intelectualidade cristã contribuem para iluminar essa concepção do tempo.

Em última análise, a proposta do tempo angular busca reafirmar que, para a fé cristã, o tempo não é um recipiente neutro nem uma força cega, mas sobretudo uma dimensão fundamental da criação que foi assumida, redimida e transfigurada por Cristo. Ele tornou-se o meio através do qual a eternidade se comunica radicalmente à história e a história é elevada absolutamente à eternidade. Não é um tempo que corre inexoravelmente para o nada, nem um ciclo que se repete indefinidamente: é um tempo grávido de sentido, orientado para a plenitude, que, em Cristo, já carrega em si as sementes da eternidade.

Viver como cristão significa, portanto, habitar conscientemente um

tempo transfigurado, um tempo angular, construindo, instante a instante, sobre a Pedra Angular, o Reino que já veio e que ainda esperamos em sua glória definitiva aqui e agora.

***

Notas

1. A obra *A Cidade de Deus* de Santo Agostinho é seminal para a compreensão da teologia cristã da história como um drama linear de salvação, em contraste com as visões cíclicas pagãs. ↩

2. Referência à análise de Joseph Ratzinger em sua obra *Escatologia: Morte e Vida Eterna*. ↩

3. Santo Tomás de Aquino, especialmente na *Suma Teológica*, oferece definições precisas de tempo e eternidade que fundamentam a distinção teológica clássica. ↩

4. Christopher Dawson, em obras como *Progresso e Religião*, analisa a relação intrínseca entre religião e cultura, argumentando sobre o papel central do cristianismo na formação da visão ocidental da história. ↩

5. Henri-Irénée Marrou, em *Teologia da História*, reflete

sobre o sentido cristão da história, dialogando criticamente com filosofias imanentistas do progresso. ↩

6. Dietrich von Hildebrand, embora focado na fenomenologia dos valores e da liturgia (e.g., *Liturgy and Personality*), oferece insights sobre a qualidade do tempo vivido na experiência litúrgica. ↩

7. Josef Pieper, em *O Ócio como Fundamento da Cultura*, critica a redução do tempo à mera funcionalidade e defende a importância do tempo contemplativo e celebrativo, intrinsecamente ligado ao culto. ↩

8. E. Michael Jones, em *Logos Rising: A History of Ultimate Reality*, propõe uma leitura da história como manifestação e conflito em torno do Logos divino. ↩

9. Ver Christopher Dawson, *Progresso e Religião: Uma Investigação Histórica* (Progress and Religion: An Historical Enquiry). Dawson argumenta que "a religião é a chave da história" e que a relação de uma cultura com o divino determina sua estrutura social, sua arte e sua visão de mundo, incluindo a concepção de tempo. ↩

10. Platão, *Timeu*, 37d. ↩

11. Henri-Irénée Marrou, *Teologia da História*. Marrou critica as filosofias da história que anulam a liberdade e a contingência em nome de um determinismo cíclico ou progressista, defendendo a visão cristã que valoriza a singularidade do evento e a responsabilidade pessoal. ↩

12. Santo Agostinho, *A Cidade de Deus* (De Civitate Dei).

A obra oferece uma interpretação abrangente da história universal como o palco da luta entre os que vivem segundo Deus e os que vivem segundo o mundo, orientada para um fim escatológico. ↩

13. Joseph Ratzinger, *Escatologia: Morte e Vida Eterna*. Esta ideia é central em sua abordagem, enfatizando a presença do fim na história a partir de Cristo, o que confere ao tempo cristão sua densidade escatológica. ↩

14. Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*. Ver especialmente os livros que tratam da história da salvação e da divisão das eras, onde Cristo aparece como o ponto central que ilumina todo o percurso histórico. ↩

15. Henri-Irénée Marrou, *Teologia da História*. Marrou insiste na necessidade de uma visão cristã da história que evite tanto um otimismo ingênuo no progresso quanto um pessimismo que despreze o valor do tempo presente como tempo da graça e da liberdade humana responsável, vivendo na tensão do "já" e do "ainda não". ↩

16. Santo Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, I, q. 10 (Sobre a Eternidade de Deus) e III,

qq. 1-59 (Tratado da Encarnação). Tomás estabelece as bases metafísicas para a distinção e a relação entre o Criador eterno e a criação temporal, e explora as consequências da União Hipostática. ↩

17. Joseph Ratzinger, *Escatologia: Morte e Vida Eterna*. A ideia da presença do fim na história é crucial para entender a natureza do tempo cristão como já inaugurado e, portanto, cada instante como potencialmente decisivo. ↩

18. Santo Agostinho, *Confissões*, Livro XI. A análise da experiência subjetiva do tempo como distensão da alma (memória, atenção, expectativa) permanece um marco filosófico fundamental, que o tempo angular assume e complementa com a dimensão objetiva da graça. ↩

19. Santo Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, I, q. 10 (Sobre a Eternidade de Deus) e questões relacionadas sobre a criação e o tempo. A clareza metafísica de Tomás ao distinguir eternidade (Deus) e tempo (criação) é essencial para evitar panteísmo ou a confusão entre os níveis de ser ao pensar a relação Deus-tempo. ↩

20. Josef Pieper, *O Ócio como Fundamento da Cultura*. A defesa do ócio como atitude contemplativa, festiva e receptiva, intrinsecamente ligada ao culto, contrasta com a visão puramente funcional e produtivista do tempo, ressoando com a qualidade não-utilitária do tempo angular como espaço primordialmente de graça e encontro. ↩

21. E. Michael Jones, *Logos Rising: A History of Ultimate Reality*. A centralidade do Logos como princípio ordenador da realidade pode ser estendida à própria estrutura do tempo redimido, que encontra em Cristo seu sentido e sua coesão. ↩

22. Dietrich von Hildebrand, *Liturgy and Personality* e *The Sacred Heart: An Analysis of Human and Divine Affectivity*. Hildebrand defende a liturgia como um encontro objetivo com o sagrado que possui uma força transformadora intrínseca sobre a personalidade, em contraste com abordagens que a reduzem a expressão subjetiva ou ferramenta pedagógica. ↩

23. Joseph Ratzinger, *Escatologia: Morte e Vida Eterna* e *Teologia da Liturgia*. A Eucaristia é frequentemente interpretada por Ratzinger como o lugar onde a escatologia se torna presente, o futuro irrompe no presente, antecipando sacramentalmente o Reino. ↩

24. Concílio Vaticano II, Constituição sobre a Sagrada Liturgia *Sacrosanctum Concilium*, n. 47. Este documento magisterial oferece uma rica síntese teológica da Eucaristia, ressaltando suas dimensões de memorial, presença, sacrifício, comunhão e penhor da glória futura. ↩

25. Josef Pieper, *O Ócio como Fundamento da Cultura* (Leisure: The Basis of Culture). Pieper argumenta que a capacidade para o ócio (entendido como contemplação, celebração, culto) é essencial para a dignidade humana e a verdadeira cultura, contrapondo-se à absolutização do trabalho (*ratio utilitatis*) no mundo moderno. A liturgia é a forma mais elevada desse ócio. ↩

26. A antropologia de Joseph Ratzinger, presente em obras como *Introdução ao Cristianismo* e em suas encíclicas papais (e.g., *Deus Caritas Est*, *Spe Salvi*), enfatiza a natureza relacional do ser humano, sua abertura constitutiva ao transcendente (o *desiderium naturale videndi Deum* da tradição) e a necessidade da graça para alcançar seu fim último. ↩

27. Santo Agostinho, *Confissões*, Livro I, 1. Esta frase icônica encapsula a visão agostiniana da condição humana como fundamentalmente orientada para Deus e inquieta até encontrar Nele o seu repouso. ↩

28. Josef Pieper, *O Ócio como Fundamento da Cultura* e

Felicidade e Contemplação. Pieper critica a redução moderna da vida humana ao trabalho e à utilidade (*negotium*), defendendo a primazia da contemplação (*otium*, *theoria*) como a atividade mais propriamente humana e fonte de verdadeira felicidade e cultura. A espiritualidade do tempo angular valoriza o presente não como mera matéria- prima para produção, mas como espaço de receptividade à graça e de encontro contemplativo. ↩

29. Santo Agostinho, *Sermão 218*, 12. Agostinho desenvolve a imagem de Cristo como a pedra angular que une os dois povos, judeu e gentio, como duas paredes vindas de direções opostas. ↩

30. E. Michael Jones, *Logos Rising: A History of Ultimate Reality*. A tese central do livro é que a história humana é fundamentalmente o palco do desdobramento e do conflito em torno do Logos divino, que encontra sua plena manifestação em Cristo. ↩

31. Joseph Ratzinger, *Escatologia: Morte e Vida Eterna* e *Jesus de Nazaré*. A presença do *eschaton* em Cristo e suas implicações para a compreensão do tempo presente e da missão da Igreja são temas recorrentes em sua obra. ↩